

# DESMASCARADOS NA CAJU INDUSTRIAL

## AGENTES DA REPRESSÃO COLONIALISTA

Uma extensa rede de elementos activamente comprometidos com as estruturas de repressão colonial e outros acusados de assassinato e espancamento de elementos da população, por ocasião da malograda intenção ultra-racista denominada «Movimento Livre», foi desmascarada sendo alguns dos seus componentes entregues às forças poli-



Agostinho Mendes de Jesus, que foi visto a incendiar palhotas e a matar uma mulher grávida

ciais na Caju Industrial de Moçambique, no decurso de uma reunião geral de trabalhadores, integrada nos trabalhos de dinamização do processo de Estruturação do Partido.

A denúncia de tais elementos, em número que ascende a vinte pessoas, constituiu um momento alto da vigilância-revolucionária organizada das massas trabalhadoras, uma vez que a presença daqueles indivíduos na empresa vinha dificultando a mobilização política e o processo de implantação do órgão de base da FRELIMO, em virtude da grande desconfiança que reinava no seio dos trabalhadores.

Neste encontro, que decorreu em ambiente de calorosa participação, prolongando-se por todo o dia, os trabalhadores apresentaram perante a brigada de dinamização, que ali actua desde Abril findo, factos reveladores e provas materiais que confirmam o envolvimento dos referidos infiltrados em organizações como a PIDE/DGS, a OPVDC e o chamado «Movimento Livre».

### RELAÇÃO DOS ELEMENTOS DENUNCIADOS

Entre os indivíduos denunciados, consta uma longa lista de ex-colaboradores da PIDE/DGS, formada por Jeremias Andarea Mandlate, infiltrado no G. D. e mais tarde no órgão nacional dos CPUP, Francisco Magomane, Sicandar Ambassa Chitará, Marcos Samuel Munguambe, Percina Tembe, Alberto Chinhambe, Julião Feniche, Luís Vembane, Sabelana João Mondlane, Celeste Marcos, Avelina Bene Mondlane, Manuel Cossa e Lucas Mbanze. Foram também denunciados David Joel Judas, Marcolino Almone Sithoe e Johannes Nhaca, antigos membros da OPVDC;

bem como Dinis Simão da Fonseca e Agostinho Mendes de Jesus, activamente implicados nos acontecimentos do «7 de Setembro», e ainda uma trabalhadora da Soberana, de nome Laurinda, que sendo em tempos fiscal da Caju Industrial, explorava as operárias a quem obrigava a dar dinheiro, artigos de vestuário e a trabalharem em sua casa, como forma de garantia de emprego.

De salientar que na sua grande maioria, estes elementos tinham sido introduzidos na Caju Industrial de Moçambique pelo tristemente conhecido inspector António Roquete, um dos mais tenebrosos dirigentes da PIDE/DGS no nosso País, que ali tinha uma das suas bases de actuação, sob cujas ordens passaram a trabalhar, enviando para a cadeia os trabalhadores que ousavam protestar contra a exploração e as desumanas condições de trabalho de que eram alvo.

### «CAÇADOR DE CÃES» DESCOBRE TARDE QUE TAMBÉM É «CÃO»

Conforme frisou o chefe da brigada de dinamização, no início do encontro, depois de falar sobre os crimes cometidos pela PIDE/DGS, OPVDC e outras organizações colonialistas de repressão contra o nosso Povo, punha-se a questão de purificação das fileiras entre os trabalhadores.

Este foi o apelo que desencadeou a explosão de ódio e de repugnância dos trabalhadores da Caju Industrial de Moçambique contra aqueles que no passado os tinham oprimido, ameaçado, maltratado e enviado para a cadeia, escudados na brutal repressão dos colonialistas, cujos interesses defendiam fielmente. Assim começou uma nova fase da luta dos operários daquela empresa, preparando terreno para a criação de uma base da FRELIMO, que irá orientar o seu trabalho e a sua vida política na empresa.

Os primeiros elementos a serem denunciados foram os antigos membros da OPVDC, David Joel Judas, Marcolino Sithoe e Johannes Nhaca, os quais descreveram o processo da sua filiação naquela estrutura de repressão colonial, sublinhando que haviam sido



Dinis Simão da Fonseca, acusado de ter morto várias pessoas no «7 de Setembro»

aliciados por promessas de boas remunerações, postos de trabalho «compalíveis» e outras regalias sociais.

No entanto, o indivíduo que maior indignação e repúdio provocou durante o desmascaramento dos PIDES, que se seguiu, foi Jeremias Andarea Mandlate, não só pela tentativa de simplificar o seu envolvimento activo naquela polícia política fascista do colonialismo português, como também pelo elevado número de pessoas presas por acusações por ele feitas. Colaborador íntimo do chefe «Pidesco» António Roquete, Jeremias Andarea Mandlate recebia correspondência até há pouco tempo daquele fascista, desde a sua fuga de Moçambique, tendo sido apresentados na reunião dois postais com símbolos do «Movimento Livre» (dois dedos em «V» com uma rosa no vértice) que lhe foram endereçados pelo Roquete.

«Eu fui mandado caçar cães enquanto eu também sou cão — estas palavras bem significativas, foram proferidas por Jeremias Mandlate, aquando da formação do Grupo Dinamizador daquela empresa, de que ele também fez parte, naquilo a que conside-



Marcolino Almone Sithoe, antigo OPVDC da Caju Industrial

rava como «autocrítica» para se «purificar dos seus pecados» e iniciar uma veriginosa corrida que o levaria a infiltrar-se numa estrutura dos Conselhos de Produção, a nível nacional. «Bem falante dinâmico e com grande capacidade para decorar e papaguear chavões e «slogans» extraídos dos discursos dos nossos dirigentes, Jeremias Mandlate foi denunciado na reunião, ao tentar negar ter sido agente da PIDE, como havendo ameaçado colegas durante o processo eleitoral, de os mandar prender também, caso revelassem o seu passado. Vários trabalhadores pronunciaram-se a acusá-lo de os ter mandado prender durante o colonialismo.

Ainda sobre os PIDES, uma outra pessoa apontada, cujos crimes indignaram a assembleia foi Percina Tembe, que de acordo com diversas intervenções teria levado à prisão um trabalhador de nome Venâncio Chemane, por ter descoberto uma lista contendo os nomes dos colaboradores da PIDE na empresa.

Este trabalhador veio a morrer às mãos dos carrascos do colonial-fascismo português, nas masmorras da Machava.

### OS «SETEMBRISTAS» DE MÁ MEMÓRIA

Foi depois denunciada e analisada a participação activa de Dinis Simão da Fonseca e Agostinho Mendes de Jesus no chamado «Movimento Livre». Recorde-se que este «movimento» foi uma organização fantoche,

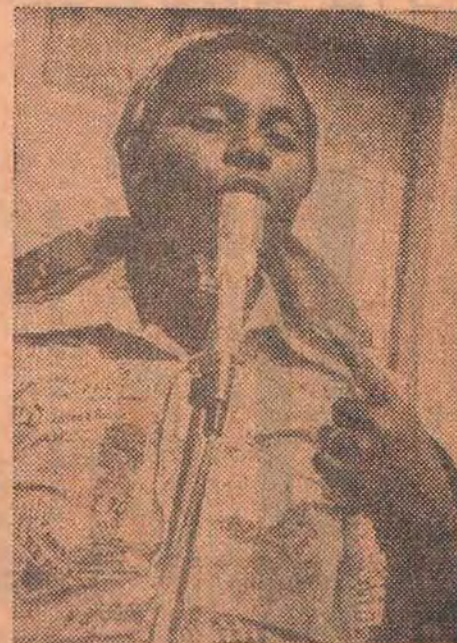


«Fui mandado caçar cães enquanto eu também era cão» — o Pide Jeremias Mandlate, colaborador íntimo de Roquete

liderada por colonos ultra-racistas, que enquanto a FRELIMO discutia com Portugal em Lusaca os mecanismos de transferência de poderes para o Povo moçambicano, derrotado o colonialismo português, tentou um golpe de desespero, visando o estabelecimento de um regime neocolonial, em Moçambique.

Estes elementos negaram terem participado neste «movimento», mas numerosos trabalhadores intervieram para lhes «recordar» que ambos andaram armados de espingardas e pistolas, queimando palhotas em Nhagóie, revistando pessoas na ponte do Jardim. Dois

(Continua na Página seguinte)



A ex-fiscal Laurinda, a quem as operárias davam dinheiro e capulanas, para não perderem emprego